**A MÍDIA COMO FOMENTADORA DO MACHISMO E DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.[[1]](#footnote-1)**

*Anderson Fernando de Jesus*[[2]](#footnote-2)

*Kelverson Abreu Sousa*²

*Thaynara Correia Silva*²

*Adriano Antunes Damasceno*[[3]](#footnote-3)

1.INTRODUÇÃO; 2. A MÍDIA COMO CONTROLE SOCIAL INFORMAL; 2.1. Outros Meios do Sistema de Controle Social Informal; 3. MACHISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER; 3.1 O que se Entende Por Violência; 3.2. Formas de Incitação Midiática da Violência de Gênero; 4. DESIQUALDADE SOCIAL IMPOSTA ENTRE HOMEM E MULHER; 4.1 Princípio da Igualdade Formal e Material; 6.CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

**RESUMO**

Ao longo percurso da historia da sociedade, fomos presenteados com discursos e ensinamentos de incentivos machistas dentro de várias instituições, como a família, a escola, a igreja e principalmente a mídia. Com isso nossas normas reguladoras são adequadas para regulamentar e ordenar os comportamentos sociais sobre o modo de agir, sobre o certo e o errado. A televisão, os jornais, a internet, revistas e a mídia em geral são responsáveis pela maioria das informações percorridas no âmbito internacional, e elas tem um papel fundamental na vida de cada cidadão em função das informações e entretenimento em geral. Em função da potencial presença da vida dos indivíduos e assim como as demais instituições informais ela pode vir a incitar diversos tipos de comportamentos positivos e negativos, entre os negativos estão à violência contra a mulher. O presente artigo tem o interesse de analisar e verificar as formas de incentivo à violência de gênero pelos meios de controle social informal, e especialmente pela mídia.

**Palavras-chave:** Machismo. Violência de Gênero. Mídia. Controle Social Informal

**1 INTRODUÇÃO**

**2 A MÍDIA COMO CONTROLE SOCIAL INFORMAL**

É na mídia que vemos o verdadeiro poder exercido sobre as pessoas. A mídia tem forte poder de influência sobre as pessoas, interferindo diretamente em suas decisões. Um grande exemplo são as mulheres que fazem as propagandas de cerveja, onde mostram seus seios e suas nádegas, a mídia possui tal força que a mensagem a ser passada a sociedade é que essa mulher deve ser também consumida junto à bebida alcoólica. Nessa relação afirma (CHAVES, 2010, p. 218).

A mídia é uma das maiores disseminadoras de preconceitos em nossa sociedade. As mulheres, foram transformadas em objeto de consumo ou em escravas domésticas, deixaram de serem pessoas. Basta assistir uma propaganda de cerveja ou de sabão em pó para perceber isso. Ao mesmo tempo a mídia tenta criar uma falsa aparência de igualdade entre os sexos. Assim, ratificam machismo promovendo violências de gênero.

Diante disso, a mídia tem grande influência na vida social de cada cidadão. Em relação ao machismo cada vez mais vem o propagando, inferiorizando e submetendo a mulher a verdadeiros constrangimentos, pois esta forma opiniões, tenta retratar a realidade, quando na verdade esta a distorcendo a verdade acerca das mulheres. Vale salientar que nos dias atuais a mulher não tem mais nem liberdade nas redes sociais, porque se por ventura coloca uma foto mais sexy, muitas vezes essa mulher começa ser insultada, resultado de uma sociedade machista, onde a mulher é vista de forma inferior, como sempre tivesse que se submeter ao homem.

**2.1. Outros Meios do Sistema de Controle Social Informal**

Não só a mídia tem contribuído para o sustento do machismo, existem outros meios como: A escola, família, religião. A verdade é que infelizmente esse machismo está impregnado em nossa nas raízes da nossa sociedade. Na escola tem-se a ideia do garoto macho, o qual se relaciona com várias garotas, é visto com bons olhos perante aos outros, enquanto as garotas são vistas de olhar diferente, um olhar negativo. Na família tem-se a ideia desde quando crianças, onde os pais ou qualquer outro pessoa, muitas vezes falam: isso não é coisa pra mocas, ou então isso é coisa de menino. Na religião desde tempos atrás, no patriarcado as mulheres eram tratadas como inferiores aos homens, tendo sempre que se submeter ao chefe da casa. A respeito do assunto acrescenta (CANNABRAVA, 2012, p.199).

A educação, que começa no seio da família e continua ao longo da vida na escola, nos diferentes ambientes sociais e nos meios de comunicação, continua reforçando papeis e padrões culturais machistas, criando estereótipos: para o homem a autoridade, o poder de decisão, a produção de bens, o mundo exterior; para a mulher a obrigação de obedecer, a reprodução da vida em todos os seus aspectos, o mundo interior, as quatro paredes. Essa injusta e desigual relação entre homens e mulheres – as denominadas relações sociais de gênero – gera uma grande violência estrutural cotidiana, muitas vezes invisível, considerada natural, mas que chega aos maus-tratos, à agressão, a violação e até a morte.

Sendo assim é notório que não só a mídia possui relevância no que diz respeito ao machismo, mas é preciso levar em conta outros fatores, meios informais que contribuem para essa propagação do machismo que é presente dentro da sociedade brasileira.

**3. MACHISMO E VIOLÊNCIA CONTRA MULHER**

O fato de homens machista sempre terem a razão que a mulher existe para servi-lo, quando este não estiver satisfeito com ela, pode utilizar o uso da violência como método coercitivo, mas não é necessário haver uma relação entre os sujeitos, como exemplo, é comum assaltantes preferirem as mulheres para serem suas vítimas, isso porque como já foi mencionado, a mulher por ser vista como algo frágil, de fácil manipulação. Nessa relação contribui (OLIVEIRA e GOMES, 2011, p.2405).

As alegações dos homens para o uso da violência contra a mulher são: ciúme/ infidelidade, desemprego ou dificuldade financeira do homem, dependência química, agressão física ou psicológica da companheira, outros “erros” dela (como cobrança e falta de compreensão, recusa sexual, confrontação, domínio sobre o companheiro e destituição da palavra dele, desonestidade, desobediência e emprego dela), discussões sobre criação de filhos e finanças da casa, divergências quanto aos papéis de homem e mulher, dificuldade de dialogar, medo de perder o controle sobre a mulher.

O machismo se apresenta com várias caras cotidianamente, e geralmente vem em forma de ciúme e demonstração de cuidado e amor para se ter o controle sobre a vida social da parceira. Essa deturpação sentimental é uma construção social muito bem aceita pela maioria das mulheres, amigos e familiares em geral, e se concretiza pelo fato de ser um engano culturalmente imposto. Sobre essa ótica, a doutora socióloga Ana Paula Portela mostra:

A gente é ensinada desde criança a compreender certos comportamentos masculinos como expressão de afeto. Alguns filmes infantis clássicos também têm a construção de gestos poucos amorosos, sutilmente violentos contra a mulher. Os contos de fada, por exemplo, como a Bela Adormecida, beijada enquanto dorme, em uma relação de afeto não ativa, é um exemplo. Se transferirmos para os dias de hoje, um homem que não tem uma relação afetiva com uma mulher chega junto e beija é algo pouco aceito. Somos ensinadas a entender algumas atitudes como possibilidade de afeto, mas em geral não é amor, transforma-se em violência. (PORTELA, 2015)

A socióloga entende que o comportamento machista “trata-se de uma construção antiga, sólida, enraizada na cultura e na nossa personalidade, na estrutura psíquica.” Para que se tenha mudanças de comportamentos e pensamentos machistas, é necessário antes modificar e policiar essas formas de ensinamento, e disso se vale a observância nas mais diversificadas instituições de debate e diálogo que regem a vida social, e repassar para os outros que tais atitudes não se tratam de carinho, afeto ou coisa normal, mas sim é necessário ensinar que o machismo é o principal motivo da violência contra a mulher.  “É preciso transformação das atitudes, compreensão e levar o debate para as instituições”. (PORTELA, 2015)

De certo, a questão biológica também é levada em consideração para justificar tais comportamentos, esse entendimento nos leva a compreender que a aceitação deles é fator único de determinação, uma vez que a natureza é tal que não pode ser modificada. Ao se pensar no assunto, é de certo fácil ganharmos exemplos de como os machos de várias espécies animais “ganham na força suas fêmeas”, e isto não seria outra coisa, senão a manifestação natural das espécies.

Alguns homens dizem “assim sou, tenho minhas necessidades, você tem que aguentar, tem que aceitar, pois assim sou”. É uma atitude bastante machista. (...) Há atitudes sexistas dos homens que tem uma posição superior em relação à mulher e há uma relação entre machismo e violência. Podemos falar de violência doméstica, também de violência social. (...)Porém, como esse comportamento não é resultado biológico e sim do machismo, de um pensamento de superioridade, de controlar, de poder etc., temos que mudar a sociedade, as ideias, o comportamento dos seres humanos. (...)E nosso desafio não é mudar sua biologia e sim seu pensamento. (MERLINO, 2015)

A dominação masculina não veio de hoje. Os homens são defendidos por uma sociedade patriarcal cuja imagem feminina positiva se reflete em uma boa dona de casa – carinhosa, obediente, prendada. É comum vermos em dias reservados para homenagear conquistas femininas, (p.ex. dia da mulher e dia das mães) diversas lojas colocarem em suas vitrines promoções especiais de eletrodomésticos. Quaisquer outras formas de comportamentos femininos são repugnantes, a sociedade pune mulheres que muito se manifestem, que queiram rumo diverso para suas vidas – para mulheres assim o discurso se modifica: “vai ficar para titia”, “por isso que é solteira”.

É necessário que haja, como já dito anteriormente, uma reeducação social nas mais variadas instituições sociais. Não se pode aceitar que as instituições, em especial a mídia, seja fomentadora da propagação do pensamento machista. “Tal desconstrução pode ser efetiva através de uma educação não sexista que esteja presente em todas as instâncias sociais e em todos os processos de socialização” e sociabilidades nos quais estão inseridos os indivíduos. “Assim, as escolas, mídia, família e Estado são veículos importantes de desconstrução e de promoção de igualdade entre os gêneros” (UCHÔA, 2015)

**3.1. O que se entende por violência**

A violência pode ter várias formas e ser praticados de vários jeitos. No entendimento tradicional, “significa usar a agressividade de forma intencional e excessiva para ameaçar ou cometer algum ato que resulte em acidente, morte ou trauma psicológico.” (AURÉLIO, 2015) Nesta ótica, a violência é atitude dolosa que vai além à força física. Ou seja, de modo geral, define-se violência o uso de palavras ou ações que machucam as pessoas. É violência também o uso abusivo ou injusto do poder, assim como o uso da força que resulta ferimentos, sofrimento, tortura ou morte.

Na visão filosófica de Hobbes, o homem é o lobo do homem, portanto ele é violento por natureza, apresentando três causas principais de discórdia, a saber, a competição, a desconfiança e a glória, voltadas respectivamente para a obtenção de lucro, segurança e reputação. Em contrapartida, Rousseau defende que o homem é bom por natureza, sendo a vida em sociedade o fator de sua corrupção. Ou seja, ele nasce bom, mas o meio o corrompe, tornando-o mal.

Para alguns estudiosos, a violência pode ser considerada um problema global de saúde pública. Neste sentido, apontam as custas desse problema para a saúde:

É difícil calcular o impacto exato de todos os tipos de violência sobre os sistemas de saúde ou seus efeitos na produtividade econômica em todo o mundo. A evidência existente indica que as vítimas de violência doméstica e sexual têm mais problemas de saúde, custos significativamente mais altos de tratamento de saúde e consultas mais frequentes aos atendimentos de emergência durante toda a sua vida do que os que não sofreram tais abusos. (...) Tais despesas contribuem substancialmente para o aumento do orçamento anual de tratamentos de saúde. (DAHLBERG; KRUG)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação.” Nesta perspectiva, pode-se analisar que a violência é culturalmente determinada, pois pessoas podem ferir outras segundo sua formação cultural e crenças, e estes atos, segundo elas mesmas não serão considerados seus atos violentos. Contudo, a OMS define violência “em que ela diz respeito à saúde ou ao bem-estar dos indivíduos”. Alguns comportamentos, como bater na esposa, podem ser visto por certas pessoas como práticas culturais aceitáveis, “mas são considerados atos violentos com importantes efeitos na saúde do indivíduo”. (DAHLBERG; KRUG)

**3.2 Formas Incitação Midiáticas à Violência de Gênero**

Os meios midiáticos: jornais, revistas, televisão, internet, impressos entre outros, contribuem e são contribuídos por outros meios de controle, formais e informais, para servir como instrumento de transmissão de informações, pensamentos, propagandas e demais objetos. Na maioria desses objetos midiáticos, firma-se a imposição do pensamento da classe dominante, a saber: homens burgueses. A ditadura sobre o que falar, pensar, comer, agir, comportar é imposta durante vinte e quatro horas, e as pessoas que não se enquadrarem naquelas condições serão severamente punidas.

O controle de gênero perpassa as igrejas, famílias e escolas, ele chega à mídia como forma exaustiva de controle social e muitas vezes incitam a violência contra a mulher, para que elas sejam reprimiras nas ruas, e outrora é o próprio causador da violência em suas propagandas e campanhas abusivas, como por exemplo, a violência sexual, que é sempre tão apelativa e rende boas audiências e cliques.

A questão da violência será posta sempre que nos depararmos com situações-limites, ou, dito ainda, quando nos sentirmos diretamente atingidos ou por ela ameaçados. Ela ganha status cinematográfico nos noticiários de TV e somos, queiramos ou não, por ela persuadidos (diria seduzidos): um misto de temor e curiosidade, à primeira vista inexplicável. O mesmo impulso que prende nossa atenção diante do noticiário, de outro modo se manifesta quando ficamos perante a tela, seja do cinema ou da TV, respiração ofegante, assistindo ao mais terrível filme de terror. Dito de um modo mais simples. somos, por natureza, seres de violência. (NOVAIS, 2015)

O problema da fomentação da violência contra mulheres é visto de forma bem clara a analisarmos a forma como é passado, p. ex. informações nas manchetes de crimes como estupro. Habitualmente, a prática chega a ser banalizada e a mulher muito exposta, sem grandes cuidados.

Acontece que as repetidas manchetes sobre estupros não prejudicam apenas a forma como a mídia lida com esse tipo de informação, também inferem nas estatísticas da violência, no feminicídio e de como a sociedade se comporta diante dos crimes de gênero. As notícias sobre estupros podem ser tão violentas quanto o crime em si e acabam por desenhar um Piauí machista e recheado de histórias que violentam as mulheres diariamente. Esse é um desenho perturbador: na consciência coletiva e na formação social. (TEIXEIRA, 2015)

Entrementes, com a mídia manipulada pela maioria dominante, nos resta a alienação do entendimento machista, impetrado em todas as instituições de controle social vigentes, uma vez que vivemos em uma sociedade patriarcal que ao mesmo tempo que transmite o machismo, também normatiza, legisla, dita e impõe.

**4. DESIGUALDADE SOCIAL IMPOSTA ENTRE HOMEM E MULHER**

A história da humanidade é marcada desde o início o emprego da violência, onde se podia haver a presença daqueles que possuíam o poder e aqueles que se submetiam ao poder, sendo assim, quando falamos relações de Gênero, estamos falando de poder. À medida que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal (COSTA, 2008).

Na idade média, pra ser mais preciso na Roma a mulher não era considerada um cidadã de Roma, esta não podia ao menos tomar posse de algum cargo público (FUNARI, 2002, p. 94). Neste contexto a mulher era equiparada as crianças e os escravos por serem totalmente removidos do ambiente, jurídico e político, sendo esses direitos somente inerentes aos homens.

**4.1 Princípio da Igualdade Formal e Material**

O princípio da igualdade asseverado em nossa constituição, artigo 5º que expressa que “todos são iguais perante a lei”, coloca a igualdade em sua forma material, ou como muitos reconhecem forma aristotélica que entende que os iguais devem ser tratados de forma igual, e os desiguais devem ser tratados de forma desigual. Esse pensamento contrapõe à igualdade formal, que leva o texto a rigor, no qual iguais e desiguais devem ser tratados da mesma maneira.

Destarte, no Brasil homens e mulheres têm os mesmos direitos e deveres. Isso quer dizer não que eles devam ser tratados com similitude, mas que o desigual tratamento leve a justiça das relações. Homens devem ser punidos mais severamente por agirem com violência sobre uma mulher, daí o desprezo à Lei dos Juizados Especiais para punir casos de violência doméstica. Hoje, a Lei Maria da Penha garante maior rigor ao agressor, fazendo com que o mesmo seja punido de acordo com os termos da lei.

**5 CONCLUSÃO**

A Violência de gênero não é determinada biologicamente, mas sim é construída socialmente como cultura enraizada na sociedade. Essa construção é herdade desde os primórdios da sociedade que definem como superior um sexo sobre o outro, a saber: o masculino como sexo do poder. O empoderamento do sexo masculino, define como a sociedade deve pensar, como deve aprender, manifestar vontades e principalmente, como as mulheres devem se comportar mediante a sociedade patriarcal.

Neste passo, a mídia é tida como importante instrumento para o incentivo do machismo na sociedade, pois ela transmite às pessoas o “certo e o errado”, vende anúncios preconceituosos e impõe pensamentos. Propagandas mostram a meninas que as bonecas e os ferros de passar de brinquedo são ótimas diversões e que os meninos os carrinhos e os jogos de violência são só deles.

É necessário desconstituir essas ideias, incentivar e mostrar do individual ao coletivo que o machismo é a principal causa da violência contra a mulher e que a os índices e estatísticas negativas mostrados pela mídia, muitas vezes de forma banal, só serão reduzidos e efetivamente erradicados, quando a sociedade entender que homens não são superiores às mulheres e que ambos são iguais não só perante à lei, mas também perante à sociedade.

**REFERÊCIAS**

AURÉLIO, Dicionário. Disponível em <http://www.dicionarioaurelio.com/genero> acesso em: 07/09/2015.

CANNABRAVA. B. **Paz na Educação Popular Feminista**. In: VIEIRA. V, CHARF. C (orgs). Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica. São Paulo: Associação Mulheres pela Paz, 2012.

CHAVES. F.N. **A sociedade capitalista e o feminino: sua estrutura falocêntrica e a questão da aparência.** In: Marcondes Filho. C. (org). Transporizações. São Paulo: Eca-Usp, 2010.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne, G. **Violence: a global public health problem.** Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csc/v11s0/a07v11s0.pdf>. Acesso em: 27 de out de 2015.

# MERLINO, Tatiana. Violência contra mulher é resultado de machismo, não de natureza masculina. Disponível em: < http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/06/violencia-contra-mulher-e-resultado-de-machismo-nao-de-natureza-masculina-3711.html>. Acesso em: 28 de out de 2015.

NOVAIS, Luana. **Violência para a Filosofia.** Disponível em: < http://violenciaurbanna.blogspot.com.br/2013/05/violencia-para-filosofia.html> Acesso em: 07 de out de 2015.

OLIVEIRA, Kátia Lenz Cesar; GOMES, Romeu. Homens **e violência conjugal: uma análise de estudos brasileiros.** Revista Ciências & Saúde Coletiva, 16 (5). Universidade Federal do Amazonas, Departamento de Ensino, Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

PORTELA, Ana Paula. **O machismo rouba a vida da mulheres.** Disponível em:< http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vidaurbana/2015/06/29/interna\_vidaurbana,583566/nao-ao-machismo.shtml>, Acesso em: 27 de out de 2015.

# TEIXEIRA, Thays. Violência de gênero e o que a mídia diz sobre isso. Disponível em: < http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/violencia-de-genero-e-o-que-a-midia-diz-sobre-isso/> Acesso em 27 de out de 2015.

# UCHÔA, Glenda. Violência contra a mulher: reflexo de uma cultura machista ou insegurança? Disponível em: < http://www.portalodia.com/noticias/piaui/violencia-contra-a-mulher-reflexo-de-uma-cultura-machista-ou-inseguranca-236544.html> Acesso em: 27 de out de 2015.

1. Paper apresentado à disciplina Direito Penal Especial I, da Unidade de Ensino Superior Dom Bosco - UNDB. [↑](#footnote-ref-1)
2. Alunos do 4º Período, do Curso de Direito - UNDB. [↑](#footnote-ref-2)
3. Professor, Mestre e Orientador. [↑](#footnote-ref-3)